

Dorsal. Revista de Estudios Foucaultianos

Número 17, diciembre 2024, 187-197

ISSN: 0719-7519

DOI: 10.5281/zenodo.14549026

[<http://www.revistas.cenaltes.cl/index.php/dorsal>]

Neoliberalismo na educação: como reagir? Uma reflexão estratégica a partir de Foucault

Neoliberalism in education: how to fight back? A strategic reflection based on Foucault

Christian Laval

Université Paris Nanterre, France
claval@parisnanterre.fr

Resumo: O autor procurou reconstruir a trajetória dos estudos sobre a neoliberalização da educação, para então estabelecer a posição de Foucault nesse contexto. Durante vários anos, a obra do filósofo francês permaneceu, pelo menos na França, longe das análises sobre o neoliberalismo. Mas, com a publicação dos cursos nos quais Foucault analisa o neoliberalismo, uma nova corrente de estudos foucaultianos emergiu. Houve uma tentativa de retorno à interpretação foucaultiana tendo em vista as mudanças ocorridas na sociedade desde as palestras do filósofo. O livro *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*, de Christian Laval e Pierre Dardot, está na origem desse movimento de atualização do diagnóstico de Foucault. Surgiram muitos estudos apresentando um novo diagnóstico dos sistemas educativos que, embora não mencionassem Foucault, baseavam-se na *Nova Razão do Mundo*. Os cursos do filósofo francês deram origem a uma nova geração de pensadores e pesquisadores responsáveis por restabelecer o caráter de crítica política radical da obra de Foucault.

Mots-clés: Foucault; Neoliberalismo; Educação.

Abstract: The author sought to reconstruct the trajectory of studies regarding neoliberalisation of education, and then establish Foucault's position in this context. For some years, the French philosopher's work remained, at least in France, far from analyzes regarding neoliberalism. But, with the publication of the courses in which Foucault analyzes neoliberalism a new theoretical current of Foucauldian studies emerged. There was an attempt to return to Foucault's interpretation regarding the changes that have occurred in society since the philosopher's courses. The book *The New Way of the World: On Neoliberal Society*, by Christian Laval and Pierre Dardot, was responsible for carrying out this movement to bring Foucault's diagnosis to the present. Many studies emerged presenting a new diagnosis of education systems which, despite not mentioning Foucault, were based on *The New Way of the World*. The French philosopher's courses gave rise to a new generation of thinkers and researchers responsible for reestablishing the character of radical political criticism of Foucault's work.

Keywords: Foucault; Neoliberalism; Education

Christian Laval é francês e professor de sociologia na Université Paris Ouest Nanterre La Défense. Ele é especialista em liberalismo, particularmente na filosofia utilitarista de Jeremy Bentham. É autor de muitos livros sobre esses assuntos, incluindo vários em colaboração com Pierre Dardot. É membro da Sophiapol, do Groupe de études Question Marx e do Centre Bentham. Também é pesquisador associado do Institut de recherches de la Fédération syndicale unitaire.

Minha proposta será orientada pela questão clássica: o que fazer? Como fazer algo face ao rolo compressor de um neoliberalismo cada vez mais violento, à medida que este se depara com as suas próprias contradições e com a resistência popular às ressonâncias mundiais.

Mas aproveitarei esta oportunidade que me foi dada para esclarecer a forma bastante particular como analisei as relações entre o neoliberalismo e a educação. Fiz isto em grande parte antes de realmente saber o que era o neoliberalismo, qual era a sua história, qual era a sua lógica. Eu só compreendi isso mais tarde, com a leitura de Foucault.

Para que vocês entendam melhor a história que vou contar, é preciso ter duas coisas em mente. Em primeiro lugar, o meu trabalho de sociologia da educação foi realizado antes e independentemente do trabalho conjunto que fiz com Pierre Dardot, em particular o trabalho sobre o neoliberalismo. Trabalhei no neoliberalismo na educação como parte das minhas atividades sindicais e do meu compromisso altermundialista¹.

Na verdade, eu comecei a trabalhar com as transformações do campo educativo no contexto da globalização neoliberal fora da grade analítica foucaultiana, insisto nisso. Nas décadas de 80 e 90, como sociólogo da educação, eu estava mais interessado pelas ferramentas analíticas de Bourdieu e daqueles próximos a ele, e por causa de minha formação teórica e política sempre fui fiel às análises de Marx sobre o capitalismo. Eu permaneço assim, mesmo que não me defina nem como bourdieusiano nem como marxista.

Em segundo lugar, antes de trabalhar na área educacional, eu me especializei no estudo do utilitarismo doutrinário, em particular na obra gigantesca e da mais alta importância de Jeremy Bentham. E com meus amigos sociólogos admiradores de Marcel Mauss, fiz do utilitarismo a base ideológica do mundo capitalista ocidental. Ora, Bentham é o autor (pouco conhecido) de um projeto de educação utilitarista intitulado *Chrestomathia*, que pode ser traduzido como “conhecimento útil”. Este projeto sistemático é tipicamente moderno e é um precursor, como ocorre frequentemente com Bentham, de tendências que só se afirmarão mais tarde.

Estas múltiplas referências me permitiram observar a partir da década de 1980 a penetração do discurso capitalista na educação, na sua forma ao mesmo tempo doutrinária, comercial e gerencial. Eu acumulei, durante quase quinze anos, dados, observações e citações que me permitiram escrever em 2003 um livro intitulado *A escola não é uma empresa*. O subtítulo é significativo: *o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Este livro foi publicado em 2003², mas eu já o planejava há muito tempo. E o que chama a atenção ao relê-lo é que nele o neoliberalismo não está realmente definido, ou melhor, que fica em um estado um tanto grosseiro, como um slogan, daí a natureza muito eclética da análise,

1 [N.T.] A expressão *altermondialisme* em francês evoca a *mondialisation* que significa globalização.

2 [N. T.] A edição brasileira do livro foi publicada em 2019.

típica do período altermundialista. É preciso repetir que eu estava, no momento, muito empenhado neste movimento, assim como no sindicalismo de ensino, e que eu fui até diretor de um centro de investigação da principal federação sindical dos professores franceses, a *Fédération Syndicale Unitaire* [Federação Sindical Unitária] (FSU). Nós publicamos, neste instituto de pesquisa, um livro coletivo ainda atual *Le Nouvel ordre éducatif mondial*³ [A nova ordem educativa mundial], onde mostramos que a ofensiva neoliberal na educação foi coordenada em escala global e que encontrou seus pontos de apoio nas grandes organizações financeiras e comerciais (FMI, OMC, Banco Mundial, OCDE, UE).

O que eu tinha e o que nós tínhamos trazido à luz pelos nossos próprios meios era o papel decisivo do conceito de “capital humano” que permitiu reorientar completamente o discurso e a instituição escolares para objetivos econômicos, em uma lógica de competitividade e empregabilidade. Este conceito verdadeiramente “estratégico” também permitiu reunir forças políticas muito diferentes, dentre as quais uma parte da esquerda e dos sindicatos. Este conceito foi a pedra de toque teórica desta “nova ordem educacional mundial”, cujo nascimento e desenvolvimento estávamos explorando. Aos nossos olhos, o neoliberalismo educativo conduziu assim a uma reorganização completa do sistema educativo com base nesta concepção de “formação de capital humano”, uma concepção que é de natureza antropológica, a do “homem econômico”.

1. Foucault no contexto intelectual e político

Foucault não era uma referência naquela época, ao menos na França. Vocês devem saber que a luta antineoliberal não foi conduzida de forma alguma por foucaultianos, mas muito mais por marxistas, às vezes anarquistas, anti-utilitaristas, bourdieusianos e também economistas heterodoxos, sobretudo keynesianos. Foucault esteve ausente da cena política e intelectual francesa durante todos estes primeiros anos de altermundialismo, exceto talvez, indiretamente, com Hardt e Negri, como evidencia o livro principal deles *Império*. Mas Hardt e Negri, apesar de suas pretensões de produzir A teoria do altermundialismo, na realidade quase não influenciaram politicamente a esquerda radical, o movimento social e o sindicalismo. Para colocar as coisas da maneira de Foucault, as suas análises do neoliberalismo não faziam parte da “caixa de ferramentas” dos principais autores anti-neoliberais e ativistas em luta contra a globalização capitalista.

Qual era então o estatuto de Foucault na França no final dos anos 90 e início dos anos 2000? Foucault, após um longo período de exclusão da universidade após sua morte, tendeu a se tornar um “autor clássico”, objeto de práticas de exegese filosófica,

3 LAVAL, Christian; WEBER, Louis. *Le nouvel ordre éducatif mondial*. Nouveaux regards, Paris, 2002.

especialmente entre jovens acadêmicos distantes da política ativa. Por isso muito longe do Foucault que eu conheci pessoalmente nos anos 70, muito longe do Foucault das “disciplinas” e de *Vigiar e Punir*, período em que houve um efeito político real do trabalho de Foucault na França e na Europa, na Inglaterra e na Itália especialmente.

Vou contar a vocês uma anedota. Um dia, durante a comemoração de um aniversário de sua morte, em 2004, há vinte anos, um evento um tanto mundano que se realizou simbolicamente na Sorbonne (uma universidade conhecida pelo seu conservadorismo e pelo seu espiritualismo e que até então nunca gostou muito de Foucault e dos “pós-modernos”), sublinhei na minha intervenção o risco de uma “sorbonnificação” de Foucault, ou seja, de uma traição de sua vida e de sua obra, as quais ele sempre considerou como um trabalho de “dinamitador”. Fui calorosamente parabenizado por alguns antigos companheiros de Foucault e especialmente por seu amigo Daniel Defert. Este risco tornou-se agora plenamente manifesto durante o fenômeno acadêmico global do 40º aniversário da sua morte. Em que termos o homenageamos? Como “caixa de ferramentas”, como “dinamitador” ou como diretor de uma escola universitária?

Meu amigo Dardot e eu consideramos que Foucault é sempre e deve continuar sendo uma “caixa de ferramentas” para aqueles que resistem à ordem neoliberal, para a luta revolucionária contra o capitalismo e a opressão estatal, e que ele certamente não deve ser reduzido a um “objeto universitário”, mesmo se for um “objeto universitário global”. Além disso, nós, que muitas vezes fomos considerados “neo-foucaultianos”, consideramos que Foucault não deve ser venerado como um ídolo, mas discutido e criticado de acordo com os mesmos padrões e as mesmas exigências que qualquer outro. Sobretudo não devemos fazer de Foucault um novo Marx, criador de uma doutrina completa, completamente coerente e incriticável.

2. Foucault e o neoliberalismo educacional

Já que estamos falando de educação aqui, quero acrescentar o seguinte. Por que nós não utilizamos, com os meus colegas investigadores sindicalistas, o trabalho de Foucault antes de 2004 ou 2005? Por que Foucault não foi uma referência para nós? Por três razões.

A primeira é que Foucault, por razões evidentes, já não estava em contato com a atualidade; as políticas de ajustamento estrutural do FMI, a Nova Gestão Pública, os tratados de livre comércio, não eram acontecimentos atuais para ele, mas sim para nós. Deste ponto de vista, nos alimentamos por outras formas de crítica, por David Harvey, por Bourdieu, por outras ainda, especialmente anglo-saxônicas, os quais observaram bem antes de nós as transformações dos sistemas educativos.

Segunda razão, Foucault acabou por escrever relativamente pouco sobre educação, escola e universidade, e isso apesar do seu envolvimento depois de

68, por exemplo, na universidade experimental de Vincennes, e do seu papel na criação do departamento de filosofia.

Um pequeno experimento: no índice dos *Ditos e escritos* você não encontra nem o item Escola, nem o item Educação, nem mesmo o item Universidade. É verdade que não se encontra também nem mesmo o item Neoliberalismo! Mas é certo que Foucault nunca tomou como seu objeto específico a educação, a escola e a universidade, e, contudo, podemos também dizer que esses objetos estão em toda parte em questão em seu trabalho: na história dos saberes, na das disciplinas e, por fim, nas suas análises sobre a governamentalidade e sobre a subjetivação.

A terceira razão é bibliográfica. O livro fundamental de Foucault sobre o neoliberalismo, isso é bem conhecido, é *O nascimento da biopolítica*. Ora, este curso ministrado no Collège de France, que data de 1979, só foi publicado em 2004, vinte e cinco anos depois. E para Pierre Dardot e para mim, esta publicação foi um verdadeiro choque intelectual. Descobrimos então uma interpretação do neoliberalismo que rompia com o marxismo, incluindo o de Negri, e com a sociologia de Bourdieu. Foi a partir desta leitura que começamos a escrever *A nova razão do mundo* (2016) utilizando a “caixa de ferramentas” de Foucault que ele nos proporcionou neste curso de 1979. Não queríamos com isso fazer uma exegese, mas explicitar, prolongar, aprofundar os caminhos deixados por este curso. Podemos agora dizer que a publicação de *O nascimento da biopolítica* chegou pelo menos dez anos atrasado, e isso se deve à despolitização do foucaultianismo, à desconexão dos seus representantes franceses com o movimento histórico das lutas, enquanto Foucault estava em contato direto com as lutas de sua época. Esta é a grande diferença entre o Foucault vivo e o Foucault acadêmico, esse Foucault que hoje se torna um “clássico do pensamento”.

Voltarei agora ao modo muito pouco linear pelo qual eu entendi o neoliberalismo. Eu passei anos “circulando em volta” do conceito de neoliberalismo, ao passo que poderia ter economizado tempo se conhecesse esse curso. Mas, no fundo, a leitura que fiz das transformações da escola até 2004 confirmou inteiramente as notáveis antecipações de Foucault, antecipações que eu resumo da seguinte forma:

O neoliberalismo não é a pressão exterior do capitalismo sobre a instituição educacional, não é apenas “mercantilização” ou “privatização”. Certamente é isto, mas o que importa é a base discursiva do neoliberalismo ou, se preferir, a sua racionalidade enquanto forma dos discursos e dos dispositivos. O neoliberalismo é, mais fundamentalmente, uma nova antropologia, a do homem como empreendedor de si, do homem como gestor do seu próprio capital, e uma nova ontologia social que vê a sociedade como um mercado competitivo. E com Foucault vemos ainda que esta antropologia e esta ontologia supõem um “intervencionismo governamental” e não apenas, como diziam os marxistas, um desmantelamento do Estado social, ou uma retirada do Estado. O neoliberalismo define uma política estatal deliberada que visa construir uma ordem de mercado exaustiva, total, em todos os domínios.

E é a partir das análises foucaultianas do neoliberalismo que podemos conceber mais rigorosamente a lógica que orienta as transformações neoliberais do campo educativo. É preciso ter em mente que nós não estamos falando de reformas marginais ou de renovação de fachadas, mas sim de uma reorganização do sistema e de toda uma nova “filosofia da educação” que traz consigo outros objetivos educativos e outras formas institucionais, além das que estiveram até agora em vigor, provenientes de uma longa história. Em outros termos, estamos falando do estabelecimento de um novo “paradigma educativo”, ou ainda de uma *nova era da escola e da universidade*.

Estas transformações paradigmáticas e sistêmicas têm como objetivo formar sujeitos neoliberais, aquilo que nós chamamos, em *A Nova razão do mundo*, de *neo-sujeitos*⁴, considerados e avaliados de acordo com a quantidade e estrutura do seu capital humano. Há um empenho de construir novas subjetividades adaptadas ao funcionamento de uma sociedade plenamente concorrencial. Que a escola, como outras instituições públicas, se transforme em empresa, nada poderia ser mais lógico, porque só podemos formar empreendedores de si em um âmbito que seja ele mesmo o da empresa, ou seja, no âmbito de uma empresa escolar e universitária que deve responder aos imperativos e às pressões da concorrência, seja ela local, nacional ou global. O neoliberalismo é uma política estatal que visa transformar o conjunto da sociedade, do ser humano e do próprio Estado, porque se o Estado não se transformasse ele mesmo em uma empresa ele não seria capaz de mudar a sociedade e o ser humano. Esta é a chave da transformação neoliberal da educação.

O neoliberalismo não é indiferente ao capitalismo, pelo contrário, mas não é um simples “reflexo” da infraestrutura econômica. O neoliberalismo é a forma dos poderes e dos dispositivos que permite à razão capitalista invadir o conjunto do corpo social e a totalidade dos corpos individuais. O neoliberalismo triunfante é o câncer capitalista no seu estado terminal.

Foi isto que nos levou a escrever *A Nova razão do mundo*⁵, e foi isso que reorientou as análises que fizemos do neoliberalismo educativo, com os meus colegas sindicalistas e pesquisadores, em um trabalho sobre a política educativa europeia (*La Grande Mutation*⁶ [A Grande Mutação]) e especialmente em *La Nouvelle école capitaliste*⁷ [A Nova escola capitalista], livros que, sem citar Foucault, apoiam-se, no entanto, nas contribuições de *A Nova razão do mundo*. São, se quiserem, obras que têm a marca daquilo que certos autores chamaram, de modo mais ou menos amigável, de nosso “neofoucaultianismo”.

4 [N.T.] O autor utiliza o neologismo *néosujets*, o qual será traduzido por neo-sujeitos.

5 DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Trad.: Mariana Echalar. 1. ed. Boitempo Editorial, São Paulo, 2016.

6 BRUNO, Isabelle; CLÉMENT, Pierre; LAVAL, Christian. *La grande mutation: néolibéralisme et éducation en Europe*. Paris, Syllepse, 2010.

7 LAVAL, Christian; VERGNE, Francis; CLÉMENT, Pierre; DREUX, Guy. *La Nouvelle école capitaliste*. La découverte, Paris, 2011.

Este último livro que acabo de citar, *A Nova escola capitalista*, não é apenas “neofoucaultiano”, é, em um sentido muito particular, “arqueofoucaultiano”. Eu me explico: ele inaugura uma reflexão que ainda está por fazer, que não tive tempo de fazer, sobre o que chamamos no livro “O regime neoliberal do conhecimento”. Na realidade, ele dava os primeiros passos para pensar *a episteme neoliberal*, neste sentido, é a maneira pela qual concebemos o conhecimento que é afetado pelo neoliberalismo, um conhecimento essencialmente operacional, considerado como “capital imaterial”, voltado para a informação das práticas de mercado e para a inovação tecnológica, articuladas com as doutrinas e pesquisas do “homem melhorado” no âmbito da “convergência” entre neurociências, nanotecnologias, biotecnologias⁸.

3. Espaços da democracia como contraparádigma educacional

Eu passo agora mais diretamente para a questão estratégica. Poderá Foucault nos ajudar a definir uma contra-ofensiva, uma estratégia política que vá além da denúncia e da resistência?

Podemos responder positivamente se pensarmos que o neoliberalismo dá forma às práticas mais ordinárias do ensino, aos modos de “gestão”, assim como aos dispositivos pedagógicos. A questão da pedagogia como governamentalidade – entendendo por isso não apenas uma forma de governar, mas também uma forma de subjetivizar⁹ os corpos, de fazer dos corpos neo-sujeitos neoliberais – pode de fato ser colocada à maneira de Foucault, da mesma forma, obviamente, como todos os discursos e dispositivos orientados para a formação do “capital humano”. Há, na obra de Foucault, uma ferramenta preciosa, que não é fornecida com a mesma pertinência pelos conceitos marxistas ou pelas análises sociológicas, sejam elas de inspiração bourdieusiana ou antiutilitarista.

Mas falamos aqui de uma contra-ofensiva, ou seja, de uma estratégia política. A questão a ser posta é de saber o que é preciso fazer, qual linha seguir, quais objetivos a serem colocados face ao neoliberalismo educativo. Melhor ainda, a questão é de saber se temos à nossa disposição um “contramodelo” ou um “contraparádigma” a ser proposto.

A teoria relacional e interativa do poder de Foucault não ajuda imediatamente – ou, pelo menos, não diretamente – no desenvolvimento de um tal contramodelo educacional. Ou, mais exatamente, se ele considera sempre que os poderes exigem contrapoderes, que os modos de governo das condutas exigem contracondutas, nem sempre sabemos muito bem o que essas contracondutas carregam e o que as anima, o ideal que as carrega. Exceto, e isso é importante notar, a mudança

⁸ Cf. LAVAL, Christian. “Le virage neuronal de l’éducation”, em Michel Blay e Christian Laval, *Neuropédagogie, Le cerveau au centre de l’école*, Tschann & Cie, 2019.

⁹ [N.T.] Neologismo em francês: *subjectiviser*.

que ele fez no final dos anos 70 e início dos anos 80. Ele reavaliou o lugar da utopia, até mesmo da “espiritualidade política” nas insurreições e revoltas, e isso, no momento no qual ele descobre *O Princípio da esperança* de Ernest Bloch. A respeito disso, o “momento iraniano” é frequentemente subestimado. Não voltarei à análise que dele fiz no posfácio de um livro publicado no Brasil sob a direção de Lorena Balbino, *O enigma da revolta*¹⁰. Este posfácio se intitula “Foucault e a experiência utópica”. Com ele eu mostro que Foucault não toma a utopia como uma representação, como uma descrição ideal, como um conjunto de imagens desejáveis, mas como um deslocamento em direção a um espaço outro, sob a forma e sob o efeito de “práticas de liberdade”. A utopia não é tanto uma visão do porvir quanto a criação de um espaço heterogêneo, ou uma “heterotopia”. A questão estratégica é então deslocada. Ela tem de certa forma raízes nas práticas utópicas, ou mais precisamente nas práticas heterotópicas, isto é, práticas que são produtoras de espaços diferentes.

Pensemos então no que isto pode significar de um ponto de vista estratégico para as questões educativas, e isto em todos os níveis de ensino e em todas as práticas tanto dos professores como dos alunos e estudantes. As nossas práticas são heterotópicas em relação à lógica neoliberal, elas produzem espaços heterogêneos que, por mais modestos e limitados que sejam, alteram as modalidades e formas da instituição?

Mas segundo qual lógica devemos orientar estas práticas heterotópicas? Foucault, na sua recusa da representação ideal do porvir, contenta-se com estes termos muito gerais de “práticas de liberdade” ou mesmo “práticas de mínimo governo”. Isso não nos ajuda a enxergar com clareza nessa atualidade tão particular que é a nossa. O que está diante de nós, em todo o lado, é a face mais ameaçadora do neoliberalismo, a face mais brutal, a mais autoritária, a mais repressiva, por vezes a mais fascista. Nossa atualidade, segundo a expressão eloquente de Wendy Brown, é a “desdemocratização”, a saída da democracia. Foucault não é um teórico da democracia, nem antiga nem moderna. Ele desconfia, e com razão, das representações filosóficas idealizadas do liberalismo, da democracia ou do socialismo. E ele tem razão. Ele se interessa pelas práticas materiais, pelos conhecimentos e pelos poderes, e esse interesse sempre lhe permite mostrar o outro lado real dessas representações: por trás dos contratos, as disciplinas, por trás dos parlamentos, a opressão das massas, por trás do socialismo, a face hedionda do Estado totalitário.

Mas isto não deve nos impedir hoje de lutar, não em nome de grandes palavras vazias, mas desenvolvendo práticas que são ao mesmo tempo alteradoras e criadoras, que constituam desde já espaços democráticos no seio da sociedade em geral, e também no interior dos estabelecimentos escolares e das universidades, e isso em todos os cursos que ministramos, em todos os momentos e em todas as

10 FOUCAULT, Michel. *O enigma da revolta*. Trad.: Lorena Balbino. São Paulo, N-1 Edições, 2019.

ações que realizamos dentro da instituição educacional e universitária.

Mas quais são essas práticas e esses espaços democráticos? Eu não acredito que os encontremos na obra de Foucault em um estado muito desenvolvido, exceto talvez as referências às comunidades gays da Califórnia ou de Nova Iorque. Eu não acho que ele estivesse realmente interessado no conteúdo das práticas operárias, das instituições proletárias, assim como não estava interessado nas fórmulas mais recentes de autogestão. Isso não lhe interessava. E obviamente ele não poderia ser testemunha desta “reinvenção dos comuns” à qual assistimos desde o final do século passado. No plano político, Foucault foi acima de tudo um contemporâneo do esquerdismo radical, dos movimentos feministas e gay, da contracultura californiana. E ele extraiu daí algumas de suas obras mais importantes. Mas não podemos exigir muito dele, e especialmente que não seja o “pensador total” ou o “intelectual universal” que ele certamente não queria ser. Mas infelizmente não podemos controlar sua posteridade.

Para uma reflexão sobre a democracia enquanto forma de vida, forma social, de subjetividade, é preciso olhar alhures, para Rancière por exemplo, para Felix Guattari, ou ainda mais para Cornelius Castoriadis, e estou apenas citando aqui autores de língua francesa, mas há muitos outros, por exemplo Murray Bookchin.

Nossa atualidade, esta é a questão vital da democracia. A democracia designa aqui a característica de uma sociedade na qual o princípio do *autogoverno* é entendido a todas as instituições territoriais e produtivas, a todas as atividades coletivas, sejam elas econômicas, culturais, associativas, educativas. A democracia assim entendida supõe a capacidade dos cidadãos de refletirem sobre as instituições desejáveis, seu poder coletivo para mudá-las se elas não lhes convierem. Em uma palavra, a democracia é para nós sinônimo do poder instituinte dos cidadãos e dos produtores, o que não ocorre sem a autorreflexividade no seio de todas as instituições da sociedade, sejam elas políticas ou econômicas.

A proposta estratégica que eu farei consiste em desenvolver práticas e criar espaços que constituam, neste momento, o que nós chamamos com Francis Vergne de “educação democrática”. Refiro-me aqui ao livro *Educação democrática*¹¹. Podemos encontrar em muitos autores – penso em Paulo Freire evidentemente, ou em John Dewey – isso que pode fazer da educação uma verdadeira “experiência democrática”, que seja exatamente o contrário da “formação de capital humano” segundo a racionalidade capitalista do neoliberalismo. Em outras palavras, a questão é saber como se formam as subjetividades democráticas na experiência educativa. Dizendo ainda de outra forma, se nós estabelecermos como fim da educação a formação de subjetividades apaixonadas pela liberdade crítica e pela igualdade social, conscientes das questões comuns em jogo no planeta, preocupadas com a preservação e proteção dos laços sociais.

É preciso apostar em *práticas de transformação* conduzidas ou sustentadas pelos

11 LAVAL, Christian; VERGNE, Francis, *Educação democrática, A revolução escolar iminente*, Editora Vozes, 2023.

coletivos críticos de professores e pesquisadores, articulados com os principais sindicatos de professores, com as associações de pais, com secundaristas e demais estudantes. Dizendo de outra forma, nada será feito sem um embate político contra todos os apoiadores do Estado autoritário, de direita ou de esquerda.

É preciso se perguntar quais são as práticas mais suscetíveis de romper com a ordem escolar e social desigual e de produzir efeitos democráticos duradouros, sem negar as tensões que atravessam as práticas educativas colocando-as entre princípios por vezes difíceis de conciliar.

No nosso trabalho, obtivemos cinco eixos estratégicos, ou princípios práticos. Estou apenas mencionando-os aqui.

-Primeiro eixo: a defesa e o desenvolvimento da liberdade de espírito, cuja tradução institucional pode ser nomeada como liberdade acadêmica.

-Segundo eixo: a busca efetiva e concreta da igualdade no acesso à cultura e ao conhecimento.

-Terceiro eixo: a construção *de uma cultura comum*.

-Quarto eixo: a implementação de uma *pedagogia instituinte*.

-Quinto eixo: *o autogoverno* da instituição escolar.

4. Conclusão

“Estratégia” significa que não nos contentamos com táticas de resistência, isso significa que buscamos modificar um estado de coisas, estabelecer relações de força duráveis, suprimir a potência do adversário. E isto também exige considerar que o neoliberalismo tem uma dimensão estratégica muito clara, que consiste simplesmente em subverter a sociedade para transformá-la em uma ordem de mercado concorrencial. Por outras palavras, estamos sendo confrontados por uma guerra civil travada pelas oligarquias dominantes contra as grandes frações da sociedade. Lembro aqui as palavras de Foucault que nós destacamos em nosso último livro sobre o neoliberalismo, que intitulamos *A Escolha da Guerra Civil*¹², um título, na verdade, muito foucaultiano: “exercer o poder é, de certa forma, travar uma guerra civil”¹³.

Não devemos nos contentar em resistir a esta ofensiva, é preciso inventar uma “alternativa” em nossas práticas, isto é, ligar os nossos atos mais simples e mais cotidianos a outras formas de existência e de atividade. Eu diria, para finalizar à maneira de Foucault e Deleuze, que se todo poder é “produtivo”, toda resistência deve ser criadora.

12 DARDOT, Pierre; GUÉGUEN, Haud ; LAVAL, Christian; SAUVÊTRE, Pierre. *A escolha da guerra civil: uma outra história do neoliberalismo*, Editora Elefante, 2021.

13 FOUCAULT, Michel. *La société punitive, Cours au Collège de France, 1972-1973*, EHESS/Seuil/ Gallimard, 2013, 33.

5. Références

- BRUNO, Isabelle; CLÉMENT, Pierre; LAVAL, Christian. *La grande mutation: néolibéralisme et éducation en Europe*. Paris, Syllepse, 2010.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Trad.: Mariana Echalar. 1. ed. Boitempo Editorial, São Paulo, 2016.
- DARDOT, Pierre; GUÉGUEN, Haud ; LAVAL, Christian; SAUVÊTRE, Pierre. *A escolha da guerra civil: uma outra história do neoliberalismo*. Trad.: Márcia Pereira Cunha. Editora Elefante, São Paulo, 2021b.
- FOUCAULT, Michel. *La société punitive, Cours au Collège de France, 1972-1973*. EHESS/Seuil/Gallimard, Paris, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *O enigma da revolta*. Trad.: Lorena Balbino. São Paulo, N-1 Edições, 2019.
- LAVAL, Christian; WEBER, Louis. *Le nouvel ordre éducatif mondial*. Nouveaux regards, Paris, 2002.
- LAVAL, Christian; VERGNE, Francis; CLÉMENT, Pierre; DREUX, Guy. *La Nouvelle école capitaliste*. La découverte, Paris, 2011.
- LAVAL, Christian. « Le virage neuronal de l'éducation ». En : BLAY Michel et LAVAL Christian, *Neuropédagogie, Le cerveau au centre de l'école*. Tschann & Cie, Paris, 2019.
- LAVAL, Christian; VERGNE, Francis. *Educação democrática: A revolução escolar iminente*. Trad. : Fabio Creder. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2023.

Tradução do francês por Caio Whitaker Tosato
Universidade Federal de São Carlos
caio.whitaker.tosato@gmail.com